SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

20/02/2015 - Sinttel-ES

Hartung determina redução de 25% dos trabalhadores no Ciodes e Disque-Denúncia

População terá, por dia, 540 chamadas não atendidas pelos call centers do Disque-Denúncia e 2.500 no Ciodes

O governador Paulo Hartung determinou a redução do quadro de funcionários do Ciodes (190) e Disque-Denúncia (181). A medida gerará o desemprego de cerca de 45 teleatendentes no call centers do Ciodes e de 13 no Disque-Denúncia. Isso significa uma redução no atendimento aos pedidos de socorro da população em cerca de 75 mil chamadas no Ciodes e em 16.250 ligações para o Disque-Denúncia por mês.

Para o Sinttel-ES, além da perda dos postos de trabalho, os trabalhadores que ficarem vão sofrer ainda mais a pressão e o stress emocional da atividade, uma vez que terão que fazer o trabalho de quem foi demitido. "Essa mudança vai piorar o atendimento e as condições de trabalho no Centro, pois é humanamente impossível absorver todas ligações sem reduzir a qualidade do serviço que é altamente estressante emocionalmente, causando doenças psicológicas e faltas ao trabalho".

O Ciodes emprega, aproximadamente, 200 trabalhadores que operam o teleatendimento (190), divididos em 4 turnos durante 24 horas. A redução de 25% é um turno de trabalho, explica o presidente do Sinttel-ES, Nilson Hoffmann, destacando a demanda de 10 mil ligações diárias que o Centro recebe e que são repassadas às Polícias Militar e Civil, Corpo de Bombeiros e Guarda Municipal de Vitória.

"No Disque-Denúncia (181) não será diferente. Serão aproximadamente 13 posições de atendimento que ficarão vazias, sobrecarregando ainda mais os teleatendentes que permanecerem. E a população, que ajuda na elucidação de crimes, ficará muda em 540 ligações diárias", disse Nilson.

Ao Sinttel-ES preocupa muito a situação dos trabalhadores, pois eles são contratados através de empresas terceirizadas. No Ciodes a empresa contratada é a Multlimp, e os empregados estão sujeitos ao rígido tratamento militar, recebendo ordens diretas de oficiais da PM. Também não recebem, por parte da Secretaria de Segurança Pública nenhum apoio psicológico para suportar a pressão e o stress dos pedidos de socorro em situações de extremo perigo e desespero.

No call center do Disque-Denúncia são em torno de 50 teleatendentes, empregados da empresa INACTU.

Tudo isso corrobora para o aumento das doenças ocupacionais, a pressão e o assédio moral dentro dos call centers e precariza o atendimento do Estado a todos os capixabas.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

20/02/2015 - Teletime

Serviços de TIC fecham 2014 com forte desaceleração, diz IBGE

Os serviços de informação e comunicação (TICs) fecharam o ano passado com crescimento nominal acumulado de 3,4%, menos da metade do resultado de 2013, que foi de 6,9%. Em dezembro de 2014, esse grupo de atividades foi o único entre os cinco pesquisados a apresentar queda de 1,2%, puxando para baixo o crescimento do índice geral de serviços, para 4,2%, conforme pesquisa do IBGE, divulgada nesta sexta-feira (20).

Segundo a pesquisa, em dezembro de 2014, o setor de serviços do país teve crescimento nominal de 4,2%, em relação a igual mês do ano anterior, superando os 3,7% do crescimento nominal do setor em novembro, mas ficando abaixo do resultado de outubro, quando a expansão nominal chegou a 5,2%.

Em dezembro de 2014, os serviços de tecnologia da informação e comunicação, que abrangem os serviços de telecomunicações e de tecnologia da informação, apresentaram variação de -1,5% e os serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias, variação 0,5%. Segundo o IBGE, a variação negativa registrada nos Serviços de TIC decorre de uma retração de -4,7% nos serviços de tecnologia da informação. Já os serviços de informação e comunicação representaram -0,4 p.p. em ou -9,5% do índice geral.

No ano passado, a variação da receita nominal dos serviços de TIC cresceu em 2,9%, em comparação aos 7%, de 2013. Os serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias subiram 6,3% em 2014, pouco abaixo dos 6,4% de alta registrados em 2013.

A forte desaceleração dos serviços de comunicação fica evidente na análise dos resultados do quarto trimestre de 2014, quando a variação ficou positiva em 0,6%, ante 7,1% do mesmo período de 2013. Na comparação semestral, entre julho e dezembro de 2014, a variação do setor foi de 1,3%, enquanto que no segundo semestre de 2013, essa variação ficou em 7,8%.

20/02/2015 - Telesíntese

Ações da Oi caem após declarações de Patuano

Papéis ordinários da companhia encerraram a sexta-feira em baixa de 9,15%. TIM também foi afetada, registrando queda de 3,58%.

As ações da operadora Oi despencaram nesta sexta-feira (20) na Bolsa de Valores de São Paulo. Os papeis ordinários recuaram 9,15%, fechando o dia valendo R$ 6,85. As ações preferenciais caíram 8,84%, à cotação de R$ 6,50.

A queda foi estimulada por declarações do presidente da Telecom Italia, Marco Patuano. O executivo afirmou que qualquer processo de consolidação no Brasil está parado, uma vez que outras questões ocupam sua agenda, durante conferência com analistas em que expôs os resultados da operadora italiana.

Ao canal de TV norte-americano CNBC, o executivo da operadora italiana, que controla a TIM Brasil, afirmou que "fez a lição de casa". "Fizemos uma análise detalhada, e para o momento, [a fusão] está em modo de espera", disse. As ações da TIM também caíram na Bovespa, onde fecharam o dia custando R$ 12,38 – baixa de 3,58%.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

20/02/2015 - Teletime

Telecom Italia planeja investir 14,5 bi de euros até 2017: Brasil receberá 4 bi

Com foco em inovação, em especial na infraestrutura de banda larga, o plano estratégico para o triênio de 2015 a 2017 da Telecom Italia para o grupo, incluindo a TIM Brasil, foi anunciado nesta sexta-feira, 20. A companhia pretende investir R$ 14 bilhões no Brasil (4 bilhões de euros), enquanto na Itália o investimento será de 10 bilhões de euros. Ao todo, o grupo planeja um Capex de 14,5 bilhões de euros no período.

Apesar de menor do que o aporte destinado à Europa, o pacote para a TIM Brasil é maior do que o plano anterior, que foi de R$ 11 bilhões até 2016, sendo R$ 1,5 bilhões apenas para a rede LTE. Para o País, a ideia do chamado "Projeto Turbo" é aumentar a cobertura do 4G para mais de 15 mil sites e da 3G para mais de 14 mil sites até 2017. No ano passado, a operadora chegou a 125 cidades de cobertura LTE. "No Brasil, o Capex terá financiamento próprio, possibilitado com as vendas de torres e com a redução na distribuição dos dividendos para o patamar mínimo no próximo ano", explicou o CEO da Telecom Italia, Marco Patuano, em teleconferência para investidores.

A divisão de investimentos segue a lógica da rentabilidade. No ano passado, a TI registrou 15,303 bilhões de euros em receita, ou 70,9% do total. Já a TIM Brasil mostrou 6,244 bilhões de euros em receita, ou 28,5% - participação diminuída em relação a 2013, quando tinha 29,7% do total do grupo.

Com o plano de investimentos do triênio, a expectativa do grupo é de que o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (EBITDA) doméstico seja estável até 2016, aumentando em 2017. Para o Brasil, o EBTIDA deverá crescer continuamente nesses três anos. A relação EBTIDA/dívida ajustada tem previsão de queda: de três vezes para 2,5x até o final do período.

Brasil

"Esse é um momento de definição para nós. Reafirmamos o comprometimento com um plano de longo prazo, com equilíbrio entre objetivos estratégicos e financeiros", disse o presidente da TIM Brasil, Rodrigo Abreu. Ele reconhece que o cenário macroeconômico é desfavorável atualmente no País, mas diz acreditar no prospecto do mercado nacional e afirma que a companhia "tem se comportado de maneira boa, com crescimento no EBTIDA".

Abreu destaca a tendência de aumento de receita com dados, enquanto serviços de interconexão (por conta do corte da VU-M), SMS (devido ao aumento de uso de aplicativos over-the-top) e de voz têm mostrado queda. "A oportunidade fica na Internet e em serviços digitais, é onde está a maior parte de nosso interesse e foco. Será a chave não apenas para o crescimento, mas também para o volume. Em curto prazo, os dados serão mais de 50% da receita", prevê, usando como base a atual proporção de 45% da receita. Outra estratégia da TIM Brasil é a de se concentrar em manter a liderança no que chama de "big middle", ou a faixa de usuários pré-pagos ou com plano de controle. Mesmo nessa faixa, os dados são importantes: daí o investimento em parcerias de conteúdo OTT, como realizado com a Deezer e com o WhatsApp.

Para proporcionar o atendimento a essa demanda de dados, a operadora quer investir em infraestrutura, aumentando a cobertura 4G. Para as áreas urbanas, Rodrigo Abreu ressaltou a estratégia das redes heterogêneas (HetNets), em especial após a pressão que a operadora fez no governo para diminuir as taxas cobradas para small cells com potência acima de 1 W.

Com atualmente cerca de 30% do mercado de LTE no Brasil, a tele investe também em espectro para aumentar sua participação na banda larga móvel. “Praticamente não investimos mais em 2G, e temos três importantes frequências no 4G, o 700 MHz, o 2,5 GHz que já tínhamos, e, além desses dois, começamos o refarm em 1,8 GHz, o que vai melhorar a cobertura”. O presidente da TIM destaca ainda que o preço dos handsets tem caído ao longo do tempo, o que ajudará no crescimento da base 4G.

"O Projeto Turbo vai aumentar o Capex organicamente em R$ 4 bilhões ao ano, chegando a um total de R$ 14 bilhões nos próximos anos, e isso vai sustentar nosso crescimento, de EBTIDA também, melhorando nossas margens", diz Abreu. "O plano todo será totalmente financiado por nós mesmos, e estamos gerenciando enquanto pagamos o dividendo mínimo, sabemos que essa flexibilidade é chave para nós e acreditamos que, com isso, vamos posicionar a companhia como líder em dados", justifica. Ele destacou ainda a oportunidade para aumentar as sinergias entre as áreas comercial e técnica, com um controle "muito natural" de custos.

Outra maneira de proporcionar esses investimentos será com a venda das torres. A Telecom Italia espera concluir a operação ainda neste ano por R$ 2 bilhões, com efeito líquido na posição financeira de R$ 700 milhões. "O objetivo era ter maior flexibilidade, sempre falamos que o objetivo não era maximizar (o preço), o que queríamos era desbloquear o máximo de valor na transação, mas também colocar uma taxa de custos do aluguel, que estará abaixo do valor de mercado", argumenta Abreu.

Consolidação

Uma eventual negociação com a Oi para consolidação no mercado nacional não foi totalmente desconsiderada, mas o CEO da Telecom Italia fez questão de dizer que não é sua prioridade no momento. "Como vocês podem imaginar, nossa mesa está bem cheia no momento com as coisas que temos que fazer, infelizmente não temos lugar para mais coisa agora", disse Marco Patuano.

Ainda assim, ele comentou a questão da venda do ativo brasileiro, ou de ao menos de um possível fatiamento, em relação à dissolução da holding Telco após a saída da Telefónica, que passa a ser acionista direta na italiana. "No Brasil, isso não depende da Telco. Se existir ou não (a holding), vamos ter o mesmo processo de governança de vender - eventualmente - ou avaliar uma oferta para a venda da TIM Brasil, ou mesmo porções", diz, enfatizando a palavra "eventualmente". Patuano explica que a negociação teria de ser tratada como negócio relevante e discutida com membros independentes do board, que ele diz que representam três quartos do total. "Ou seja, não tem problema."

Itália

Do plano de investimentos domésticos, cerca de metade (5 bilhões de euros) será destinada a "desenvolvimentos inovadores", como LTE, redes de próxima geração e cloud computing. Além disso, planeja cobrir 75% da população com fibra óptica (cerca de 500 milhões de euros só para o FTTH) e acima de 95% com redes 4G (cerca de 900 milhões de euros) até 2017. Trata-se de 1,1 bilhão de euros mais para a Itália do que o plano anterior.

Com isso, o grupo, que passará a assumir a marca única de TIM também na Itália, tem planos ambiciosos no mercado doméstico. A empresa espera que a base de LTE saia dos atuais 13% do total para 60% em 2017. Além disso, quer aumentar o quadro profissional de jovens com entre 20 e 30 anos, para conseguir maior inovação – a média atual na companhia é de 48 anos. Outra medida é a de diminuir em 20% o Opex em marketing. A companhia planeja diminuir a dívida líquida em 700 milhões de euros por ano – em 2014, incluindo o impacto dos leilões de frequências no Brasil e na Argentina, a dívida da Telecom Italia era de 26,65 bilhões de euros.

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

22/02/2015 - Rede Brasil Atual

Avanço do Brasil na primeira década do século é o mais expressivo em 50 anos

Atlas atesta que o êxito mais importante no enfrentamento da exclusão social assenta-se na convergência tríade: regime democrático, expansão da economia e políticas sociais de caráter distributivo

Contrariando a trajetória ascendente da exclusão social verificada atualmente nas economias capitalistas avançadas, o Brasil iniciou o século 21 de forma positiva, alterando significativamente a realidade da sociedade em um pequeno período de tempo. Isso é o que se pode concluir da segunda publicação do Atlas da exclusão social no Brasil: a dinâmica da exclusão social na primeira década do século 21, publicado recentemente pela editora Cortez.

O índice sintético que busca mensurar o processo de exclusão que atinge os brasileiros, compreendendo as dimensões da vida digna, conhecimento humano e vulnerabilidades, permite contrastar na forma de mapas sua expressão na totalidade do território nacional nos anos censitários de 2000 e 2010. O avanço na primeira década do século é inegável, aliás, o mais expressivo dos últimos cinquenta anos.

O que possibilitou alcançar o êxito mais importante no enfrentamento da exclusão social no Brasil desde 1960 assenta-se fundamentalmente na convergência tríade. Ou seja, a combinação do regime democrático, da expansão consistente da economia e das políticas sociais de caráter distributivo.

De fato, somente nos anos 2000 que o País conseguiu convergir estes três sustentáculos basilares da reversão da exclusão social. Nas décadas de 1960 e 1970, por exemplo, o crescimento econômico foi um dos mais elevados de todo o século 20, porém, a ausência de democracia e política social distributiva, tornou mais excludente a sociedade.

Em virtude disso, o Brasil que em 1980 situou-se entre as oito maiores economias capitalistas também ocupou a terceira posição na hierarquia da desigualdade no mundo. Crescimento econômico, por si só, sem redistribuição de renda, resulta em mais exclusão social.

Por outro lado, as décadas de 1980 e 1990 apresentaram a retomada da democracia desacompanhada do crescimento econômico. As políticas sociais estabelecidas pela Constituição de 1988 pouco puderam fazer para atender ao seu objetivo de atacar a desigualdade, sobretudo diante do receituário neoliberal de regressão econômica e social.

Sem crescimento econômico considerável, pouco resta para distribuir, mesmo havendo democracia e instrumentos políticos para atacar a desigualdade. No ano 2000, por exemplo, o Brasil havia decaído para o posto de 13ª economia do mundo, contando com taxa de desemprego de 15% da força de trabalho.

Na década de 2000, contudo, o Brasil recuperou posições importantes, situando-se entre as sete economias mais ricas do mundo. Simultaneamente, assistiu-se à queda significativa do desemprego, pobreza e desigualdade social.

Um dos efeitos diretos disso pode ser registrado pela diminuição dos municípios com população vivendo na condição de pobreza. No ano de 2010, por exemplo, 36,8% do conjunto dos municípios brasileiros possuíam mais da metade de seus domicílios com rendimento per capita de até meio salário mínimo mensal.

Dez anos antes, em 2000, eram 60,3% dos municípios nesta mesma condição. Resumidamente, queda de 38,9% dos municípios brasileiros que conseguiram reduzir drasticamente a situação de pobreza dos seus habitantes.

Leia mais em:
http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2015/02/avanco-do-brasil-na-primeira-decada-do-seculo-e-o-mais-expressivo-em-50-anos-9631.html

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

20/02/2015 - CUT

"Petrobrás é maior do que tudo que está aí na mídia"

Em entrevista à Carta Maior, Deyvid Bacelar fala sobre os desafios na atual conjuntura

A velha mídia brasileira execra a Petrobrás, já se sabe. E, portanto, omite que a empresa recebeu o Oscar da indústria de petróleo, o Offshore Tecnology Conference 2015 (OTC) e que o pré-sal já produz mais de 700 mil barris por dia - o suficiente para abastecer países como Uruguai, Paraguai, Bolívia e Peru, juntos. Mas para o baiano de 34 anos da cidade de Feira de Santana, onde mora, Deyvid Bacelar, "a Petrobras é maior do que tudo que está aí na mídia". Bacelar é representante da CUT, do CNPQ e da Federação Única de Petroleiros (FUP) na Comissão Nacional Permanente do Benzeno, e recém eleito representante dos funcionários da Companhia no seu Conselho de Administração com cerca 58% dos votos válidos.

O coordenador geral do Sindipetro da Bahia pertence à "geração Lula", como ele mesmo diz. Os funcionários que entraram a partir de 2003, quando os concursos foram retomados. Deyvid prestou cinco concursos. Um deles, de nível superior. É graduado em Administração com especializações em SMS (Saúde, Meio Ambiente e Segurança) e Gestão de Pessoas. Mas preferiu ficar em cargo técnico. Seu ingresso no CA representa um sopro de oxigênio e de energia, e uma renovação na administração da Petrobrás.

Na pauta da entrevista exclusiva de Bacelar à Carta Maior ele defende, com veemência, o patrimônio nacional que a empresa representa, pede a punição de corruptos e corruptores, e ressalva: "Este processo não pode significar a paralisia do setor mais dinâmico da economia brasileira". Invoca também maior transparência e participação do estado no lugar do "Deus mercado".

A entrevista:

Sua trajetória na empresa? Quando começou?

Sou Técnico de Segurança na RLAM - Refinaria Landulpho Alves, Mataripe -, onde ingressei por concurso em 2006. Sou graduado em Administração pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), com especializações em SMS no IFBA (Instituto Federal da Bahia) e em Gestão de Pessoas na UFBA (Universidade Federal da Bahia). Em Feira de Santana, sou Presidente da Associação de Moradores Morada das Árvores, onde empresto essa experiência de forma voluntária nas ações comunitárias da entidade.

Você vê como "excessiva" a influência do governo na Petrobrás, como dizem os críticos e a oposição ao governo progressista?

Não vejo excessos porque o Governo Federal é o acionista majoritário e deve dar o tom nas decisões que afetam o Brasil e a sua economia. A Petrobrás é uma empresa que não visa o Lucro pelo Lucro. Ela tem o seu papel social que deve ser muito bem cumprido. Por sinal, o Governo, através do CA da Petrobrás, deveria aproveitar essa baixa no valor das ações dela para ampliar ainda mais a presença do Estado e adquirir ações de forma que a torne novamente 100% pública e estatal.

Percebe-se a necessidade urgente de a Petrobrás voltar a se comunicar com a sociedade informando seus feitos e seu significado para o país. Quais canais podem ser usados nesta comunicação? Você vai brigar por aperfeiçoá-los e dinamizá-los, no Conselho? Critica-se, por exemplo, a Companhia não responder à (velha) mídia e às acusações de delatores premiados que ela publica indiscriminadamente e com vontade.

Leia mais em:
http://www.cut.org.br/noticias/petrobras-e-maior-do-que--tudo-que-esta-ai-na-midia-f238/

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

21/02/2015 - Carta Maior

A rotatividade no mercado de trabalho no Brasil

A taxa de rotatividade de 2013 foi de 43,4% - um desastre para o trabalhador e um drama para a sociedade. Entenda melhor como ela funciona.

Rotatividade no mercado de trabalho é a substituição de um empregado por outro no mesmo posto de trabalho. No Brasil, as empresas têm total liberdade para contratar e demitir a qualquer momento, sem precisar apresentar nenhuma explicação ao trabalhador. Basta pagar os custos da rescisão do contrato de trabalho.

No mercado formal de trabalho do país, milhões de vínculos de emprego são rompidos anualmente e novos são estabelecidos. Nos anos 1990, este fenômeno ocorria em um cenário de alto desemprego, precarização das condições de trabalho e redução dos salários pagos aos novos contratados em relação aos pagos aos demitidos. Contudo, há uma década, o desemprego vem se reduzindo, a formalização aumentando, os salários crescendo e, mesmo assim, o fluxo de demissão e contratação continua em ampliação.

Há alguns anos, o DIEESE, em cooperação com o Ministério do Trabalho e Emprego e entidades sindicais, investe no estudo da rotatividade no mercado de trabalho, procurando inclusive formas de intervenção que ajudem a reduzir o problema. Há publicações que tratam dessa temática no site da entidade (www.dieese.org.br). O último trabalho foi recentemente divulgado, com dados de 2013.

Com base nos registros administrativos da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), o fluxo geral de demissões e contratações no mercado formal é analisado, sem observar especificamente o posto de trabalho, como uma maneira de aproximação da mensuração da taxa de rotatividade.

Os registros da Rais indicam que houve crescimento do mercado formal de trabalho no Brasil na última década, que passou de um estoque de 29 milhões de vínculos em 31/12/2002 para quase 49 milhões em 31/12/2013. Portanto, foram 20 milhões de novos empregos com carteira de trabalho. Entretanto, o estoque de postos de trabalho no final do ano não revela o grande fluxo de admissões e demissões que ocorre ao longo do ano. Por exemplo, em 2013, foram mais de 75 milhões de vínculos ativos ao longo do ano, dos quais mais de 26 milhões foram rompidos no mesmo período. Qual é a lógica dessa dinâmica que se repete anualmente?

A taxa de rotatividade do conjunto do mercado formal de trabalho (celetistas estatutários), em 2013, foi de 54,9%, levemente inferior à taxa de 2012 (55,2%), contudo superior à de 2003 (42,7%). Considerando que os servidores públicos estatutários têm estabilidade no emprego, procedeu-se ao cálculo da rotatividade somente dos trabalhadores contratados no regime celetista (emprego com carteira de trabalho) e submetidos à demissão por iniciativa do empregador. Com este recorte, a taxa fica em 63,7% em 2013, estável diante dos 64,0% de 2012, mas bem superior aos 52,4% de 2003. O crescimento do contingente de ocupados ampliou o ritmo frenético de contratações e demissões dos trabalhadores celetistas.

As demissões ocorrem predominantemente para os trabalhadores com menos de 1 ano de vínculo e representam 66% dos desligamentos. Quase metade (31%) dos desligados tinha até três meses de vínculo, ou seja, estava no período caracterizado pela legislação como contrato de experiência. As ocupações em que mais rodam trabalhadores são aquelas vinculadas ao apoio na produção e nos serviços: assistentes, auxiliares, serventes e ajudantes.

Leia mais em:
http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/A-rotatividade-no-mercado-de-trabalho-no-Brasil/7/32910